

QUÍMICOS (PFA) PRESENTES EM BASES MILITARES MOBILIZAM ESFORÇOS E MILHÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Governo e cientistas unem-se contra contaminação (nos EUA)

A contaminação por PFAs aconteceu nas bases militares devido à utilização de espumas de combate a incêndios. A Base das Lajes também teve uma zona de treino, potencialmente contaminada.

O Departamento da Defesa e a comunidade científica dos Estados Unidos da América estão a juntar esforços para delinear medidas contra a contaminação por PFAs, químicos sintéticos encontrados em vários produtos e que têm sido ligados ao desenvolvimento de doenças, desde cancro até a problemas imunitários em crianças.

Na segunda-feira, o site do Departamento da Defesa publicou um artigo sobre um workshop que reuniu cientistas ligados à área ambiental, promovido em Washington pelas Academias das Ciências, Engenharia e Medicina “para debater as questões da limpeza relacionada com as substâncias perfluoroalquiladas e polifluoroalquiladas (PFAs)”.

Nas instalações militares, os químicos estão presentes sobretudo devido ao uso de espumas de combate a incêndios. O problema também afetará a Base das Lajes, como o DI já noticiou.

As Lajes tiveram um local destinado ao treino contra incêndios. O “Final Environmental Baseline Survey Report for Lajes Field”, desenvolvido em 2003, por iniciativa dos EUA, para fazer o raio-x à contaminação, indicava a “Fire Training Area” (Zona de Treino Contra Incêndios), desativada em 1990 por questões ambientais, como “área de preocupação”.

Os autores do estudo destacavam que nenhuma ação fora desenvolvida, mas que poderiam existir riscos para a saúde humana, através de químicos depositados no solo, no ar ou na água (ver caixa).

A Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos emitiu, em 2016, um aviso permanente dirigido à água para consumo relativo ao sulfonato de perfluorooctano (PFO) e ácido perfluorooctanóico (PFOA), dois dos PFAs utilizados nos EUA em vários produtos.

Entretanto, o Departamento da Defesa identificou 400 instalações milita-

res, entre ativas e desativadas, onde se suspeita que tenha havido contaminação por PFAs.

De acordo com o artigo publicado no site do departamento com a pasta da Defesa nos Estados Unidos, estão a ser “tomadas ações” para a descontaminação, exigidas por lei.

O QUE DIZEM OS CIENTISTAS

A comunidade científica norte-americana concorda que existem desafios na preparação de medidas de remediação dirigidas ao problema dos PFAs.

Segundo a professora do Departamento de Toxicologia Ambiental e Molecular da Universidade Estatal de Oregon Jennifer Field, a escala em que se terá de operar é “bastante grande”.

A especialista, citada ainda no texto preparado pelo Departamento da Defesa dos EUA, estudou os PFAs durante 25 anos e considera que este não é apenas um problema que se coloca aos militares, uma vez que as espumas contra incêndios foram utilizadas em muitos outros cenários, por exemplo por corporações de bombeiros, aeroportos e refinarias.

“O PFA é persistente no ambiente”, afirmou a cientista, sublinhando que o contaminante não se degrada da mesma forma que a matéria orgânica, atingindo a água subterrânea e, ao longo do tempo, “o peixe e a água para consumo e, então, os humanos”.

DEPARTAMENTO DA DEFESA MUITO “PROATIVO”

Também interveio na sessão Christopher Higgins, um professor na área da engenharia civil e ambiental que tem desenvolvido projetos financiados pelo Departamento da Defesa dos EUA. Monitoriza o comportamento dos PFAs no solo e na água subterrânea, desde 2001.

Em termos de medidas de remediação para a água de consumo humano,

